

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS URUGUAIANA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

Orientador: Paulo de Souza Junior

Letícia Pereira Pieczarka

Uruguaiana, novembro de 2018.

LETÍCIA PEREIRA PIECZARKA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO
EM MEDICINA VETERINÁRIA**

Relatório de Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária apresentado ao curso de Medicina Veterinária, Campus Uruguaiana da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Paulo de Souza Junior,
Médico Veterinário, Dr.

**Uruguaiana
2018**

LETÍCIA PEREIRA PIECZARKA

Relatório de Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária apresentado ao curso de Medicina Veterinária, Campus Uruguaiana da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Área de concentração: Clínica Médica de Pequenos Animais.

Relatório apresentado e defendido em 05 de dezembro de 2018

Prof^a. Dr^a Claudete Izabel Funguetto
Medicina Veterinária – UNIPAMPA

Prof^a. Dr^a Amarílis Diaz de Carvalho
Medicina Veterinária - UNIPAMPA

Mestrando Igor Cezar Kniphoff da Cruz
Medicina Veterinária - UNIPAMPA

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente aos meus maiores mestres, meus pais, que sempre apoiaram e incentivaram meus estudos e crescimento.

Agradeço aos meus amigos Vinícius, Pamela, Iana, Ariane e Fernanda que mesmo de longe sempre me deram força e apoio.

Agradeço ao meu orientador pela paciência e atenção dispensados a mim, durante a construção deste trabalho.

Aos meus colegas, muito obrigada por todo crescimento e aprendizado que dividimos.

“Somos mais vulneráveis do que pensamos, mas mais fortes do que
imaginamos.”

Sheryl Kara Sandberg

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM MEDICINA VETERINÁRIA – ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS

O presente relatório descreve e discute as atividades realizadas e/ou acompanhadas durante a realização do Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária (ECSMV) pela discente Letícia Pereira Pieczarka. Foi realizado na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria – RS, sob orientação do Prof. Dr. Paulo de Souza Junior e supervisão da Prof^a. Dr^a. Claudete Schmidt.

No período de 24 de julho a 19 de outubro de 2018, a acadêmica acompanhou atendimentos clínicos, assim como atividades e/ou procedimentos da rotina do hospital, cumprindo as 450 horas exigidas pelo Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Medicina Veterinária. No presente trabalho foram relatados dois casos clínicos acompanhados pela discente, que juntamente com as atividades desenvolvidas contribuíram para a formação e término do curso de graduação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Fachada do Hospital Veterinário Universitário – UFSM.....	12
FIGURA 2 - Sala de Triagem.....	13
FIGURA 3 - Ambulatório de atendimento clínico.....	14
FIGURA 4 - Setor de Internação, a esquerda gatil e a direita canil.....	15
FIGURA 5 - Sala de preparação dos fármacos antineoplásicos.....	17
FIGURA 6 - Setor de quimioterapia, sala para aplicação dos medicamentos do setor de quimioterapia.	18
FIGURA 7 - Imagem do coração com dilatação crônica difusa acentuada.....	33
FIGURA 8 - Linfoma ocular felino.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 2:	Atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas mais frequentes no ECSMV em clínica médica de pequenos animais no HVU-UFSM no período de 24 de julho a 19 de outubro de 2018.....	19
Tabela 3:	Casos clínicos acompanhados na CMPA no HVU – UFSM de 24 de julho a 19 de outubro de 2018, classificados em sistemas e/ou afecções conforme o diagnóstico firmado.	20
Tabela 4:	Casos clínicos do sistema tegumentar classificados em doenças e/ou afecções e dividido por espécies.	21
Tabela 5:	Casos clínicos do sistema urogenital classificados em doenças e/ou afecções, dividido por espécies.	22
Tabela 6:	Sistema musculoesquelético classificado em doenças e/ou afecções, divididas por espécie.	23
Tabela 7:	Sistema digestório classificado em doenças e/ou afecções divididas por espécies.	24
Tabela 8:	Imagem do coração com dilatação crônica difusa acentuada.	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Duas vezes ao dia
ECSMV	Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária
HVU	Hospital Universitário Veterinário
IM	Intramuscular
IV	Intravenoso
LACVet	Laboratório de Análises Clínicas Veterinárias
LPV	Laboratório de Patologia Veterinária
SAVE	Sistema de Arquivamento Veterinário Estatístico
SediVet	Serviço de Consultoria Diagnóstica Veterinária
SID	Uma vez ao dia
TID	Três vezes ao dia
UC	Uso Contínuo
UFSM	Universidade Federal do Pampa
UIPA	Unidade de Internação de Pequenos Animais
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo
VO	Via Oral

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	12
2.1 Descrição do local de estágio	12
2.2 Rotina de atividades durante o estágio	16
3.1 Cardiomiopatia dilatada em cão	28
3.1.1 Relato de caso e discussão.....	29
3.1.2 Conclusão	31
3.2 Linfoma ocular em felino	32
3.2.1 Relato de caso e discussão.....	33
3.2.2 Conclusão	36
4 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A – Laudo de necropsia do relato de caso Cardiomiopatia Dilatada, cedido pelo SediVet – LPV – UFSM.....	41
APÊNDICE A – Laudo de necropsia do relato de caso Cardiomiopatia Dilatada, cedido pelo SediVet – LPV – UFSM.....	42
APÊNDICE B – Laudo ultrassonográfico do relato de caso de Linfoma Ocular em felino.....	43
ANEXO – Certificado do Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária	45

1 INTRODUÇÃO

A Associação Brasileira da Indústria Para Animais de Estimação (ABINPET) realizou um levantamento baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), que o Brasil tem uma população de 132,4 milhões de animais de estimação, ou seja, cerca de 44,3% dos lares brasileiros tem pelo menos um *pet* (termo inglês que significa animal/bicho de estimação).

O país ocupa a terceira posição no ranking mundial do mercado *pet* com uma receita de U\$\$ 6 bilhões (ABINPET 2017), perdendo apenas para os Estados Unidos (U\$\$ 48 bilhões) e Inglaterra (U\$\$ 6,3 bilhões). Mostrando o perfil dos consumidores que cada vez mais procuram por serviços e profissionais qualificados.

A finalidade do estágio curricular supervisionado foi proporcionar ao aluno a experiência de vivenciar a rotina de um profissional médico veterinário, utilizando-se do conhecimento teórico-prático adquirido durante o curso. Permitindo aperfeiçoamento de técnicas, relacionamento interpessoal, ética e conduta profissional.

O estágio curricular foi realizado no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria (HVU-UFSM), localizado na Avenida Roraima, nº 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. As atividades foram iniciadas no dia 24 de julho e terminaram no dia 19 de outubro de 2018, com um total de 450 horas, tendo como orientador Prof. Dr. Paulo de Souza Junior e como supervisora Prof^{ra}. Dr^a. Claudete Schmidt.

No presente relatório serão descritas as atividades desenvolvidas pela discente durante o período de estágio e discutidos dois casos clínicos: um de cardiomiopatia dilatada em cão e um caso de linfoma ocular em felino.

2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

2.1 Descrição do local de estágio

O Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria (HVU-UFSM) foi fundado em 6 de outubro de 1973. É uma subunidade do Centro de Ciências Rurais e fica localizado na Avenida Roraima, nº 1000, na Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria - RS (Figura 1).



FIGURA 1 - Fachada do Hospital Veterinário Universitário – UFSM.

FONTE: arquivo pessoal.

O local possuía instalações para atendimento de grandes e pequenos animais, divididas em setor de pequenos animais, de biungulados (bovinos, suínos e ovinos) e setor de equinos. O setor de pequenos animais oferecia serviços de clínica médica e cirúrgica, diagnóstico por imagem (ultrassonografia e radiologia), análises clínicas laboratoriais, neurologia, internação, anestesiologia, oncologia, oftalmologia, dermatologia, ortopedia e fisioterapia.

O horário de atendimento era de segunda a sexta-feira das 07:30h às 17:00, sem fechar ao meio-dia, sendo ofertadas 20 fichas de atendimento no turno da manhã e 20 no turno da tarde (40 fichas por dia). O atendimento iniciava-se na recepção, onde era aberto um número de registro no sistema e o paciente era encaminhado para sala de

triagem (Figura 2). Na triagem a equipe composta de um auxiliar de saúde e três estagiários extracurriculares que anotavam a queixa principal, e encaminhavam o animal para clínica médica ou cirúrgica. Os atendimentos eram realizados por ordem de chegada, exceto casos de emergência e/ou urgência e consultas pré-agendadas que eram conduzidas diretamente ao profissional responsável.



FIGURA 2 - Sala de Triagem.

FONTE: arquivo pessoal

A estrutura do HVU contava com oito ambulatórios para atendimento clínico, equipados com mesa com computador, cadeiras, máquina de tosa, mesa para atendimento, armário com material de enfermagem, ar condicionado e pia para higienização das mãos (Figura 3). Também faziam parte da estrutura o laboratório de análises clínicas (LACVet), farmácia, setor de quimioterapia, banco de sangue, sala de emergência, sala de triagem anestésica, sala de curativos e procedimentos, bloco cirúrgico, Sistema de Arquivamento Veterinário Estatístico (SAVE), setor da Unidade de Internação de Pequenos Animais (UIPA) e o setor de diagnóstico por imagem (ultrassom e raio-x).



FIGURA 3 - Ambulatório de atendimento clínico.

FONTE: arquivo pessoal.

A ficha do paciente sempre era impressa na secretaria e nela eram anexados todos exames do animal, estes documentos sempre que concluído o caso (alta ou término da consulta) eram encaminhados ao SAVE, onde os estagiários poderiam consultar a ficha quando houvesse interesse.

O setor de internação era administrado pela UIPA, era composto por canil com capacidade para 26 animais, gatil com capacidade para dez animais e UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) com capacidade para seis animais (Figura 4). Funcionava diariamente, sendo que as admissões e altas médicas dos internos era realizada apenas de segunda a sexta-feira das 08:00 às 18:00.

Aos finais de semana, feriados e após às 19:30 durante a semana, os pacientes ficavam aos cuidados e monitoramento de equipes compostas por residentes, alunos de mestrado e estagiários (extracurriculares e curriculares) que realizavam plantões de 12 horas. Os estagiários curriculares poderiam fazer plantões apenas em feriados e finais de semana, para não prejudicar a rotina de estágio, a acadêmica pode realizar quatro plantões durante o período em que esteve na instituição.



FIGURA 4 - Setor de Internação, a esquerda gatil e a direita canil.

FONTE: arquivo pessoal.

De segunda a sexta-feira, das 07:30 às 19:30 a UIPA era administrada por duas equipes que se dividiam em dois turnos de seis horas cada, no turno da manhã ficava uma médica veterinária na UTI, uma enfermeira, uma auxiliar de enfermagem, um auxiliar de saúde e quatro estagiários extracurriculares.

No turno da tarde ficavam duas médicas veterinárias (uma na UIPA e outra na UTI), duas técnicas de enfermagem, uma enfermeira e quatro estagiários extracurriculares, as técnicas e auxiliares eram responsáveis pela reposição de material de enfermagem nos ambulatórios, sala de emergência e no setor de internação, os cuidados com os internos eram realizados pelos estagiários sob supervisão do médico veterinário responsável do turno.

2.2 Rotina de atividades durante o estágio

No período de 24 de julho a 19 de outubro de 2018, o ECSMV realizado no HVU-UFSM, a estagiária acompanhou a rotina hospitalar na área de clínica médica de pequenos animais, perfazendo as 450 horas. O horário de estágio era das 07:30 às 17:30, com intervalo para almoço das 11:30 às 13:30.

Durante o estágio foram acompanhados novos casos assim como os retornos encaminhados aos veterinários, o HVU contava com sete residentes, dois médicos veterinários concursados e quatro professores na área de clínica médica de pequenos animais. Nos atendimentos a estagiária podia auxiliar o profissional no exame físico e anamnese, preencher fichas de requisição de exames e receitas, coletar material biológico para análise (sangue, urina, etc), encaminhar o material ao LACVet, fazer a contenção do paciente durante exame de ultrassom e aplicar medicamentos sob supervisão do médico veterinário responsável do caso.

Os retornos eram apresentados brevemente pelo profissional, que informava o histórico, diagnóstico, tratamento e resultados até aquele momento. Nos casos novos era possível debater sobre qual conduta terapêutica poderia ser adotada e os exames complementares que poderiam ser feitos para auxílio no diagnóstico.

Se o caso fosse de maior complexidade ou de resolução cirúrgica, o paciente era remanejado para avaliação ou agendamento de consulta com o profissional da área específica. No setor de cirurgia não eram feitos procedimentos como extração e limpeza dentária. Até o mês de agosto não eram realizadas castrações eletivas que passaram a fazer parte da rotina cirúrgica devido o baixo fluxo de operações.

O aparelho de Raio-X do HVU não estava em funcionamento, quando necessário o paciente era encaminhado para uma das três clínicas particulares da cidade para realização do exame. O encaminhamento também era feito em casos de animais imunossuprimidos (filhotes e animais não vacinados) ou que tivessem suspeita e/ou diagnóstico de doença infectocontagiosa, visto que o setor de internação não possuía sala de isolamento.

O setor de quimioterapia possuía duas salas, uma onde os fármacos antineoplásicos eram manipulados na capela de fluxo laminar vertical, pelo

farmacêutico (Figura 5), que retirava a dose a ser utilizada na sessão, e a sala onde a enfermeira fazia a aplicação do medicamento (Figura 6). Era obrigatório o uso de capote, máscara, luvas e óculos para a pessoa que tivesse contato direto com o medicamento. Todos os pacientes de quimioterapia passavam por avaliação prévia do médico veterinário responsável do caso, através da análise do hemograma e exame físico.



FIGURA 5 – Setor de quimioterapia, sala de preparação dos fármacos antineoplásicos.
FONTE: arquivo pessoal.



FIGURA 6 - Setor de quimioterapia, sala para aplicação dos medicamentos.

FONTE: arquivo pessoal.

Das atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas pela discente, as mais frequentes foram venopunção, aplicação de medicamento e sondagem uretral (TABELA 1). A venopunção era realizada para acessar vasos e também coletar sangue para exames de hemograma e bioquímico. A maioria das aplicações de medicamentos era por via IV, e os fármacos mais frequentemente usados eram os analgésicos. O procedimento de sondagem uretral era realizado tanto para coleta de urina (urinálise), quanto para desobstrução em casos de urolitíase ou plug uretral.

TABELA 1 - Atividades desenvolvidas e/ou acompanhadas durante o ECSMV.

Atividades	Caninos	Felinos	Total
Venopunção	135	25	160
Aplicação de medicamento	42	16	58
Sondagem uretral	15	5	20
Coleta para bolsa de sangue	15	1	16
Citologia aspirativa de nódulo mamário	15	0	15
Aplicação de quimioterapia antineoplásica	10	1	11
Exame parasitológico de pele	9	0	9
Abdominocentese	9	0	9
Cistocentese	5	3	8
Citologia aspirativa de linfonodo	7	0	7
Lavagem de vesícula urinária	3	4	7
Enema	2	2	4
Teste Snap para FIV/FeLV	0	4	4
Eutanásia	3	0	3
Toracocentese	3	0	3
Teste de Fluoresceína	1	1	2
Teste Snap para parvovírus	2	0	2
Citologia/swab de orelha	1	1	2
Transfusão sanguínea	1	1	2
Coleta de líquido	1	0	1
Punção ocular	0	1	1
Teste de supressão com dexametasona em baixa dose	1	0	1
Crioterapia	0	1	1
Citologia de pele	1	0	1
Citologia (swab) de nódulo cutâneo	1	0	1
Citologia vaginal	1	0	1
Total	283	66	349

Ao total foram acompanhados 124 atendimentos clínicos, destes 101 eram caninos e 23 eram felinos. Os diagnósticos foram classificados por sistemas e afecções (TABELA 2). Em alguns casos o diagnóstico foi presuntivo ou terapêutico, mesmo diante da vasta possibilidade de realização de exames complementares na instituição. Na opinião da discente mais exames poderiam ter sido solicitados com vistas a obtenção de um diagnóstico definitivo ou etiológico, embora algumas vezes o tutor não tenha permitido a realização de investigações mais elaboradas.

TABELA 2 - Casos clínicos acompanhados no ECSMV, separados por sistemas acometidos.

Sistemas/Afecções	Caninos	Felinos	Total
Tegumentar	30	3	33
Urogenital	19	6	25
Musculoesquelético	21	0	21
Digestório	13	6	19
Cardiorrespiratório	9	3	12
Neurológico	8	1	9
Linfo - hematopoético	1	3	4
Estesiológico	0	1	1
TOTAL	101	23	124

Entre os sistemas listados o tegumentar (TABELA 3) teve maior casuística na rotina clínica, com um total de 32 casos, onde nove eram de nódulo mamário em cadelas. As neoplasias mamárias têm alta prevalência em fêmeas não castradas, a OH (Ovário Histerectomia) eletiva é um método preventivo muito eficiente se feito até o terceiro cio, após não são observados resultados significativos na prevenção das neoplasias (FONSECA et al., 2000).

TABELA 3 - Afecções do sistema tegumentar, separadas por espécies.

Tegumentar	Caninos	Felinos	Total
Nódulos mamários	9	0	9
Lesão por mordedura	4	0	4
Dermatite alérgica	3	0	3
Revisão pós-mastectomia	1	2	3
Otite externa	2	0	2
Neoplasia cutânea	2	0	2
Impetigo	1	0	1
Leishmaniose cutânea	1	0	1
Deiscência de sutura	1	0	1
Demodicose	1	0	1
Abscesso	1	0	1
Pododermatite bacteriana	1	0	1
Displasia Folicular do Pelo Preto	1	0	1
Sinus	1	0	1
Atopia	1	0	1
Esporotricose	0	1	1
Total	30	3	33

As fêmeas com nódulo mamário passavam por avaliação pré-cirúrgica com hemograma e bioquímico, radiografia de tórax (para investigar metastases pulmonares), avaliação pré-anestésica e punção dos nódulos para exame citopatológico. As pacientes que não apresentassem metastase em pulmão ou qualquer outra alteração grave, eram encaminhadas para agendar a cirurgia de OH e mastectomia.

No sistema urogenital (TABELA – 4), foram acompanhados 22 casos, e as doenças mais prevalentes foram piometra e cistite, que tiveram diagnóstico definitivo com exame de ultrassonografia abdominal e urinálise associados aos sinais clínicos e histórico das pacientes. Em casos de piometra era feita OH terapêutica, além do tratamento com antibiótico e antiinflamatório pré e pós-cirúrgico.

TABELA 4 – Afecções do sistema urogenital, separadas por espécies.

Urogenital	Caninos	Felinos	Total
Piometra	6	1	7
Cistite	2	3	5
Doença renal aguda	2	0	2
Urolitíase	2	0	2
Ovário Histerectomia eletiva	2	0	2
Leptospirose	2	0	2
Ovário poliscístico	1	0	1
Prolapso vaginal	1	0	1
Pseudociese	0	1	1
Doença do Trato Urinário Inferior Felino obstrutiva	0	1	1
Distocia	1	0	1
Total	19	6	25

Atendimentos de pacientes com fraturas somaram 12 casos (TABELA 5), todos eram caninos, destes, oito foram decorrentes de atropelamento por veículo automotivo. A maioria dos casos de fratura teve diagnóstico definitivo mediante exame radiográfico, a terapia foi escolhida de acordo com o tipo de fratura existente, que era o método conservativo ou cirúrgico. O método conservativo consistia em imobilizar o membro acometido, repouso absoluto e fármacos (anti-inflamatório e analgésico).

TABELA 5 – Afecções do sistema musculoesquelético.

Musculoesquelético	Caninos	Total
Fratura	12	12
Luxação	5	5
Artrose	1	1
Displasia Coxofemoral	1	1
Osteossarcoma	1	1
Osteodistrofia Hipertrófica	1	1
Total	21	21

A gastrite aguda pode ser causada por ingestão de corpo estranho, alimento estragado ou contaminado e medicamentos irritantes, é comum em cães, justificada pelo hábito alimentar pouco seletivo da espécie, e os sinais clínicos são vômito e diarreia (NELSON e COUTO, 2010). Os três pacientes caninos atendidos apresentaram vômito e diarreia, se alimentavam de restos de comida, carne assada e ossos sintéticos (TABELA – 6).

O diagnóstico foi presuntivo por exclusão, foi feito ultrassom abdominal que descartou a presença de corpo estranho e confirmar a suspeita clínica baseada no histórico e sinais clínicos encontrados. Nenhum dos pacientes apresentava febre, desidratação ou apatia, sendo instituído jejum hídrico e alimentar de 24 horas para observar se haveria vômito, caso não ocorresse devia ser reintroduzida gradualmente dieta alimentar leve e água.

TABELA 6 – Afecções do sistema digestório, separadas por espécies.

Digestório	Caninos	Felinos	Total
Gastrite aguda	3	0	3
Prolapso retal	1	2	3
Fecaloma	1	1	2
Pancreatite aguda	2	0	2
Doença periodontal	0	2	2
Parvovirose	2	0	2
Corpo estranho (intestino)	1	0	1
Fenda palatina	1	0	1
Intoxicação por <i>Rhododendron simsii</i>	0	1	1
Hepatite lobular dissecante	1	0	1
Gastroenterite parasitária	1	0	1
Total	13	6	19

O sistema cardiorrespiratório teve um total de 12 casos, os pacientes caninos foram mais acometidos que os da espécie felina, conforme a casuística acompanhada no estágio (TABELA – 7). Das doenças vistas em cães a traqueobronquite infecciosa canina e a endocardiose de válvula mitral apresentaram maior prevalência.

TABELA 7 – Afecções do sistema cardiorrespiratório, separadas por espécies.

Cardiorrespiratório	Caninos	Felinos	Total
Traqueobronquite infecciosa canina	2	0	2
Pneumonia química	0	2	2
Endocardiose de válvula mitral	2	0	2
Complexo respiratório superior felino	0	1	1
Bronquite	1	0	1
Colapso de traquéia	1	0	1
Estenose pulmonar	1	0	1
Cardiomiopatia dilatada canina	1	0	1
Pneumonia por aspiração	1	0	1
Total	9	3	12

Foi acompanhado o atendimento de dois cães adultos, que apresentavam sinais clínicos de tosse seca, de caráter agudo, com reflexo de vômito terminal, ausculta pulmonar inalterada e ausência de secreção nasal. O diagnóstico foi terapêutico o tratamento foi feito com xarope de codeína 0,2mg/Kg TID VO, por cinco dias.

A endocardiose de válvula mitral, geralmente acomete cães de pequeno porte, idosos e do sexo masculino. A doença causa degeneração valvular que acarreta num quadro de insuficiência cardíaca congestiva, sendo observada tosse pós-exercício ou excitação, intolerância ao exercício e ascite segundo Nelson e Couto (2010). Os dois pacientes acompanhados tinham diagnóstico definitivo de endocardiose de válvula mitral, ambos faziam tratamento e acompanhamento clínico regular. A canina não apresentava ascite, diferentemente do macho que apesar da terapia necessitava de drenagem do líquido abdominal, procedimento que foi assistido pela estagiária.

Foi acompanhado pela discente dois casos com suspeita de pneumonia química em felinos, os animais foram resgatados de um incêndio e tinham inalado fumaça, um deles apresentava dispneia mais evidente e ambos tinham perda de pelo na região torácica dorsal, possivelmente devido a queimaduras, mas não apresentavam lesões graves na pele. Os animais foram mantidos em observação por dois dias, receberam

oxigenioterapia e analgésico (metadona 0,15mg/Kg), e foram encaminhados para exame radiográfico de tórax para confirmar a afecção.

Foram acompanhados nove casos de afecções do sistema neurológico (TABELA – 7), destes, três casos eram da doença do disco intervertebral (DDIV) que segundo Ettinger e Feldman (2008) é caracterizada pela protusão ou extrusão do material do disco para o canal medular, que causa compressão da medula e o aparecimento de sinais clínicos como a paralisia de membros. Um caso teve diagnóstico confirmado pelo exame radiográfico, a paciente passou por cirurgia de hemilaminectomia (técnica de descompressão medular) e estava internada no HVU para observação e monitoramento pós-cirúrgico. Nos outros dois casos os animais foram encaminhados ao setor de neurologia para realizar exames e confirmar a suspeita da DDIV.

TABELA 7 – Afecções do sistema neurológico, separadas por espécies.

Neurológico	Caninos	Felinos	Total
Doença do disco intervertebral	3	0	3
Neuropatia focal traumática	1	1	2
Paralisia trigemial idiopática	1	0	1
Epilepsia sintomática	1	0	1
Cinomose	1	0	1
Epilepsia idiopática	1	0	1
Total	8	1	9

Um total de quatro afecções acometeram o sistema linfático-hematopoético, a micoplasmose teve maior prevalência (TABELA 8).

TABELA 8 – Afecções do sistema linfático-hematopoético, separadas por espécies.

Linfo-hematopoético	Caninos	Felinos	Total
Micoplasmose	0	2	2
Rangeliose	1	0	1
Linfoma ocular	0	1	1
Total	1	3	4

Foram vistos dois casos de micoplasmose em pacientes felinos, a doença é causada pelo microrganismo hemotrópico *Mycoplasma haemofelis*, que causa infecção em gatos e tem correlação com o vírus da leucemia felina (FeLV). Quanto a forma de transmissão, há algumas incertezas. Estudos experimentais foram feitos com inoculação de sangue via IV, intraperitoneal e VO, assim como foi observado casos de transmissão iatrogênica, por picada de artrópodes hematófagos e feridas causadas por mordidas de gatos infectados (GREENE, 2012).

Nos dois casos vistos os animais eram FeLV positivos, e tinham sinais clínicos de fraqueza, anorexia, perda de peso, desidratação e um dos animais apresentava icterícia generalizada. O diagnóstico foi feito com a técnica de esfregaço sanguíneo e o tratamento instituído era administração de doxiciclina 5mg/Kg BID por 15 dias, fluidoterapia e um dos pacientes precisou de transfusão sanguínea.

3 DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados dois relatos de caso que foram acompanhados durante o ESCMV na clínica médica de pequenos animais, o primeiro caso é de cardiomiopatia dilatada em cão e o segundo caso é de linfoma ocular em felino.

3.1 Cardiomiopatia dilatada em cão

A OMS classifica a Cardiomiopatia Dilatada (CMD) como uma doença miocárdica primária, que causa um aumento no tamanho da câmara cardíaca, mais comumente do lado esquerdo, que resulta numa disfunção ventricular sistólica grave devido a contração ineficiente do músculo cardíaco (ETTINGER e FELDMAN, 2008).

Sua etiologia é idiopática, porém acredita-se que diversos fatores que possam causar danos ao miocárdio estejam associados a doença. Mutações genéticas, agentes infecciosos, mecanismos imunológicos, deficiências nutricionais, toxinas e efeitos biomecânicos podem ter envolvimento na patogenia da doença (NELSON e COUTO, 2010). Estudos retrospectivos demonstraram a alta prevalência da patologia em cães de grande porte, do sexo masculino e com idade entre quatro e oito anos (ETTINGER e FELDMAN, 2008), a exceção é a raça Cocker Spaniel.

O modelo de fisiopatologia da Insuficiência Cardíaca (IC) popularizado por BRISTOW (1995), divide o evento em três fases:

- Fase I - o coração sofre um dano por uma causa qualquer (tóxica, metabólica, etc), na CMD esse evento acarreta na disfunção sistólica e quando grave desencadeia a fase seguinte;
- Fase II - ocorre uma resposta envolvendo diversos sistemas (sistema renina-angiotensina-aldosterona, nervoso simpático e citocinas), que causa perda de cardiomiócitos e hipertrofia dos remanescentes que torna a contratilidade muscular ineficiente, reduzindo o débito cardíaco e remodelamento das câmaras;
- Fase III – como resultado da cronicidade do mecanismo compensatório, a doença fica evidente e o animal desenvolve sinais clínicos como fraqueza, intolerância ao exercício, síncope e choque cardiogênico.

Os sinais clínicos e o histórico junto ao exame de Raio-X confirmam a CMD, na imagem é possível ver o tamanho e a forma do órgão, o Eletrocardiograma (ECG) dá informações relacionadas a frequência cardíaca, ritmo e condução elétrica, sendo usado como método auxiliar para diagnóstico. A ecocardiografia também é um método de diagnóstico definitivo, no qual se vê em tempo real as estruturas anatômicas e funcionais do coração, analisando o tamanho das câmaras, espessura e movimento das paredes, configuração e movimento das válvulas e fluxo vascular (NELSON e COUTO, 2010).

A terapia utilizada na CMD tem como objetivo principal dar qualidade de vida ao animal, com o uso de fármacos que atuam a nível hormonal diminuindo a série de eventos que culminam na progressão da doença e, conseqüentemente, a aparição dos sinais clínicos como ascite e efusões. Para isto são utilizados inibidores da Enzima Conversora de Angiotensina (ECA), diuréticos, vasodilatadores, agentes ionotrópicos positivos, dieta hipossódica, antiarrítmicos e repouso (ETTINGER e FELDMAN, 2008).

3.1.1 Relato de caso e discussão

Um canino da raça fila brasileiro, macho, com sete anos de idade e 71,3 Kg foi atendido no HVU no dia 25 de julho de 2018. A queixa principal dos tutores era de que o animal estava com aumento de volume abdominal e desconforto há um dia. O paciente tinha histórico de dispnéia, episódios de tosse seguido de náusea, sem vômito, fez tratamento para pneumonia em uma clínica particular, e desde então não teve mais dispneia.

No exame físico o animal apresentava mucosas hiperêmicas, frequência cardíaca (FC) de 208 bpm, ausculta cardíaca abafada, moderada desidratação e desconforto a palpação abdominal. Diante dos sinais clínicos apresentados e histórico do paciente a suspeita foi de Insuficiência Cardíaca Congestiva (ICC) generalizada. Foram solicitados hemograma completo, análise de líquidos cavitários, fosfatase alcalina (FA), proteínas totais (PT), albumina, creatinina, uréia e enzimas hepáticas (TGP e ALT). A série bioquímica teve aumento na uréia 62,0mg/dL.

O animal ficou internado para monitoramento durante três dias, foi administrada medicação enalapril dose de 0,5 mg/kg BID, furosemida 4mg/kg TID e fluidoterapia com Ringer Lactato, ficou com sonda uretral e realizou ultrassom abdominal no dia seguinte a internação. No exame de ultrassom foi detectada presença de grande quantidade de líquido livre anecogênico com discreta celularidade, o líquido em questão era transudato modificado segundo análise do laboratório.

De acordo com ETTINGER e FELDMAN (2008) o aumento sérico moderado de uréia e creatinina séricas são achados laboratoriais esperados em casos de CMD, o paciente em questão demonstrou leve aumento de uréia. Na urinálise foi observada presença de leve bacteriúria associada a um quadro de cistite.

A terapia instituída foi Enalapril 0,5mg/Kg BID, UC, digoxina 0.008mg/Kg BID, UC, e furosemida 4mg/Kg BID, UC. No retorno que ocorreu cinco dias depois da consulta, foi instituído diagnóstico terapêutico de CMD, os medicamentos e as doses foram mantidos e os proprietários relataram que o animal não havia mais apresentado sinais de náusea.

Um dos exames complementares usados no diagnóstico de CMD é o ecocardiograma, no caso especificamente não foi possível a realização. O exame eletrocardiográfico e radiográfico do tórax, foram realizados no paciente, porém a acadêmica não teve acesso ao material.

Devido a gravidade da doença, foi solicitado o acompanhamento regular do paciente que deveria retornar para uma reavaliação em três dias, que só ocorreu 20 dias depois. O paciente retornou descompensado, com ascite, dispnéia, mucosa oral com alguns pontos de coloração roxa e cansaço fácil, evoluindo para óbito no mesmo dia mais tarde, por parada cardiorrespiratória.

O laudo necroscópico (Apêndice A) confirmou o diagnóstico de CMD, o coração (átrios e ventrículos) apresentava dilatação crônica difusa acentuada (Figura 7), hidroperitônio agudo difuso acentuado (transudato modificado), hidrotórax agudo difuso acentuado (transudato modificado), pulmão com atelectasia difusa moderada (secundária ao hidrotórax), fígado com fibrose centrolobular crônica difusa acentuada (consequência da cronicidade da CMD).

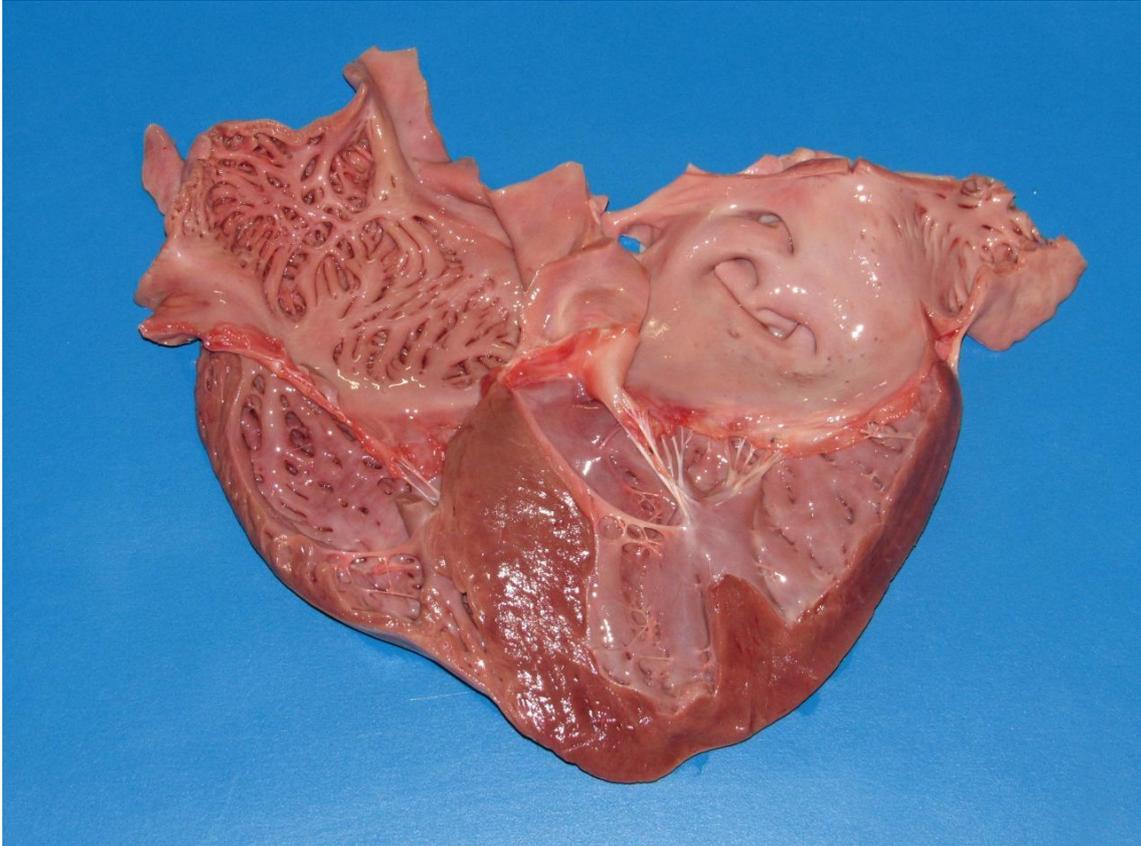


FIGURA 7 - Imagem do coração com dilatação crônica difusa acentuada.

Fonte: Imagem cedida pelo SediVet – LPV – UFSM.

3.1.2 Conclusão

Apesar de a clínica médica de pequenos animais ter tido um grande avanço em pesquisas e métodos de diagnóstico de cardiopatias, é necessária mais atenção a fim de essas doenças serem detectadas precocemente e tratadas. O diagnóstico precoce é muito importante em casos de CMD, uma doença de ocorrência comum e de caráter grave que pode levar a morte súbita.

3.2 Linfoma ocular em felino

O linfoma é um tumor do sistema hematopoiético, caracterizado pela proliferação de células linfóides malignas que afetam principalmente linfonodos e órgãos como fígado ou baço. É um tumor visto frequentemente em cães e gatos, sendo que em felinos tem sua etiologia associada ao vírus da leucemia felina (FeLV) e também da imunodeficiência felina (FIV), (ETTINGER e FELDMAN, 2008).

Segundo estudo retrospectivo feito por Togni et al. (2017), os tumores hematopoiéticos são os que mais causam morte ou levam a eutanásia de felinos na região central do Rio Grande do Sul, e a maior prevalência desta patologia é em animais idosos.

O linfoma intraocular pode ter origem primária ou secundária, podendo afetar o bulbo ocular por via hematogênica ou oriundo de anexos oculares, seios paranasais ou cavidade nasal. A conduta terapêutica nesses casos é bem variável, pois devem ser levados em conta o tamanho e o envolvimento das estruturas acometidas, pode-se optar por microcirurgia ou ainda enucleação ou exenteração da órbita (LAUS, 2007). Já Rodaski e De Nardi (2006) indicam o uso de fármacos antineoplásicos como adjuvantes no tratamento de linfomas.

Para diagnóstico pode-se usar exames citológico ou histopatológico. A escolha depende da localização da neoplasia. Quando intraocular, a citologia aspirativa com agulha fina (CAAF) é um método de eleição que auxilia na escolha do tratamento. Exames complementares de imagem (ultrassom e Raio-X) podem ser usados para avaliar a extensão do tumor e investigar se há outros órgãos afetados (JERICÓ et al., 2015).

3.2.1 Relato de caso e discussão

Em 24 de setembro de 2018 foi atendido no HVU um felino, macho, sem raça definida (SRD), com oito anos de idade, castrado e pesando 4Kg. O animal já havia consultado dois dias antes em uma clínica particular devido uma alteração no olho esquerdo. Na ocasião foi diagnosticado positivo para o vírus da Imunodeficiência felina (FIV) e realizado exame de ultrassom abdominal, o qual acusou a presença de uma massa no baço com dez centímetros de diâmetro, aumento dos linfonodos mesentéricos, vesícula urinária com parede espessada (que sugeria cistite), e fígado hiperecogênico (Apêndice B).

Segundo informações dos tutores, o animal ingeria água e alimento como de costume, não apresentava vômito, urinava normalmente e não observaram se estava defecando. De acordo com os proprietários havia uma leve dispneia. No exame físico apresentava bom estado corporal, desidratação leve, mucosas pálidas, temperatura corporal de 39,4°C, linfonodos mandibular esquerdo e cervical superficial esquerdo aumentados. Foi observado também um aumento generalizado no abdômen de consistência firme a palpação, que sugeria esplenomegalia.

O olho esquerdo apresentava uma massa intraocular de cor avermelhada, com neovascularização, que parecia comprimir e deformar a íris (Figura 8). O animal não sentiu dor ou incômodo durante a inspeção e parecia não enxergar com este olho pois era irresponsivo ao teste de ameaça. O olho direito apresentava-se sem alterações visíveis. Após o exame físico foram solicitados exames complementares com vistas à esplenectomia e laparotomia exploratória. Durante o exame radiográfico de tórax em três projeções, o animal se mostrou com dispneia inspiratória moderada. O laudo da radiografia acusou aumento do padrão broncointersticial, sugestivo de broncopatia.

Outra característica observada no linfoma é a predisposição de animais idosos a neoplasia, tendo associação com o vírus da Imunodeficiência Felina (TOGNI et al., 2017), não demonstrando predileção por sexo ou raça, conforme o caso apresentado. Contrariando esta informação, raça siamesa é tida como predisposta a desenvolver linfoma, segundo Jericó et al.,(2015).



FIGURA 8 – Linfoma ocular em felino.
Fonte: imagem cedida por Jennifer S. Minuzzi.

O hemograma pré-cirúrgico mostrava um quadro de anemia arregenerativa normocítica normocrômica, trombocitopenia e linfopenia, as quais podem ser decorrentes de distúrbios extrínsecos como o FIV. Os valores de bioquímica sérica estavam dentro da normalidade. Thrall (2006) diz que a linfopenia ocorre de maneira geral em resposta ao uso de esteróides, mas casos de infecções virais linfocíticas agudas podem desencadear linfopenia e neutropenia.

Como visto o primeiro exame hematológico apontou anemia arregenerativa, que é um dos distúrbios citados por Nelson e Couto (2010), além de outros como leucocitose, neutrofilia (com ou sem desvio a esquerda), monocitose, presença de células linfoides anormais no sangue periférico e eosinofilia. O hemograma e a bioquímica sérica não são muito usados como diagnóstico para linfoma, devido a variedade de alterações inespecíficas observadas (NELSON e COUTO,2010).

A esplenectomia total foi realizada um dia após a consulta, sob o seguinte protocolo anestésico: Diazepan 0,15mg/Kg IV, Propofol 5mg/Kg, Isoflurano inalatório e Fentanil 2µg/Kg (anestesia local). Na terapia de apoio pré-cirúrgica foi usado Cefalotina 30mg/Kg e escopolamina 15mg/Kg, e no pós-operatório Metadona 0,2mg/Kg. Durante a operação o paciente ficou em infusão contínua de soro fisiológico 3ml/Kg/h com Fentanil 5µg/Kg/h e Atropina 0,022mg/Kg. O animal permaneceu internado por dois dias sendo administrado escopolamina 25mg/Kg, TID, IV, Tramadol 1mg/Kg, TID, IV e Meloxicam 0,1mg/Kg, SID, SC.

A terapia sistêmica com antineoplásicos apresenta bons resultados na maioria dos casos de linfoma (RODASKI e DE NARDI, 2006), pode ser usada antes da operação para a remissão de micrometástases ou ainda de maneira paliativa nos casos mais avançados da doença. Laus (2007) defende mais a terapia cirúrgica de linfomas e ressalta que o uso de agentes quimioterápicos e antiinflamatório tópico em linfoma extragonadal raramente são priorizados como métodos de tratamento, o que foi visto no caso descrito.

O hemograma no dia seguinte à cirurgia apresentava anemia mais acentuada de caráter regenerativo, com reticulocitose (resposta medular aumentada), presença de anisocitose leve (+), corpúsculo de Döhle (toxemia moderada), poiquilocitose (++) e acantócitos, que são associados a doenças neoplásicas e linfomas/linfossarcomas (THRALL, 2007).

No dia 27 de setembro pela manhã foi realizada CAAF no olho esquerdo (Apêndice C). O animal foi anestesiado com Propofol 3mg/Kg e Citrato de fentanila 3µg/Kg para permitir o procedimento em ambulatório. O resultado da CAAF foi sugestivo de linfoma. Na opinião da acadêmica o exame deveria ter sido guiado por ultrassom, o que garantiria maior segurança ao procedimento e reduziria os riscos de lesões.

Devido a idade do paciente e o fato deste não apresentar sinais de desconforto no olho esquerdo, optou-se por não realizar a enucleação. Cinco dias após a cirurgia, o paciente foi levado a uma clínica na cidade de São Gabriel, pois apresentou piora da dispnéia. No mesmo dia o paciente evoluiu ao óbito, conforme o relato dos tutores.

3.2.2 Conclusão

O presente caso chama a atenção pelo fato de o linfoma não afetar essencialmente órgãos primariamente linfáticos ou hematopoéticos como os linfonodos e baço, mas também outros órgãos, como no caso o bulbo ocular. Talvez o uso da quimioterapia prévia ou o uso concomitante ao tratamento cirúrgico pudesse ter alterado o curso da progressão da doença, embora linfomas multicêntricos tenham prognóstico desfavorável, ainda mais em um paciente positivo para FIV.

4 CONCLUSÃO

O ECSMV possibilitou a acadêmica conhecer e acompanhar a rotina do profissional veterinário dentro do ambiente hospitalar, na área de clínica médica de pequenos animais. Além de agregar novos conhecimentos a experiência incrementou as habilidades práticas de abordagem clínica, diagnóstica e terapêutica aprendidas pela discente durante o curso.

A experiência proporcionou crescimento profissional e pessoal a aluna, por meio de convivência com colegas oriundos de outras instituições de ensino, o que tornou possível o exercício de trabalho em grupo e relacionamento interpessoal, com a troca de informações e conhecimentos entre os envolvidos.

O objetivo do relatório foi descrever as doze semanas de estágio no HVU – UFSM em que foram acompanhados 164 pacientes, sendo 135 caninos e 29 felinos, assim como as atividades desenvolvidas pela discente, que conferiram maior segurança e familiarização com a rotina clínica.

Enfim, a vivência no estágio oportunizou melhor entendimento e fixação da teoria vista no curso, além de desenvolver visão crítica sobre a conduta acertada do profissional perante o paciente e o proprietário, conferindo melhor preparação da acadêmica para o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, G.; CICOTI, C.A.R.; ZAPPA, V. **Parvovirose canina – Revisão de literatura**. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, ano VII, n 12, 2009. Disponível em:
<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/aS7jms0pQR8BMrS_2013-6-21-12-5-2.pdf> Acesso em: 15/11/2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO. **Mercado PET Brasil**, 2018. Disponível em:
<<http://abinpet.org.br/mercado/>>. Acesso em: 20/10/2018.
- BALHESTEROS, M. **Linfoma em cães e gatos**. Universidade do Tuiuti do Paraná (Trabalho de Conclusão do Curso), Curitiba, 2006. Disponível em:
<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2011/09/linfoma-caes-e-gatos.pdf>. Acesso em: 17/11/2018.
- COELHO, P.C.M. S.; ANGRIMANI, D. S. R.; MARQUES. E.S. **Micoplasmose em felinos domésticos**: Revisão de literatura. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, ano IX, n 16, 2011. Disponível em:
http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/xVSGYVN1yT1a0LI_2013-6-26-11-2-7.pdf. Acesso em: 22/10/2018.
- ESTANISLAU, C.A. **Tratamento farmacológico da epilepsia em cães**. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade “Júlio Mesquita Filho” (Trabalho de Conclusão de Curso), Botucatu, 2009. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118947/estanislauc_a_tcc_bot.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20/10/2018.
- ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária, doenças do cão e do gato**. V.1., 4.ed. São Paulo: Manole, 1997.
- GREENE, C.E. **Infectious Diseases of the dog and cat**. Editora: Elsevier, 2011.
- HESSE, K.L. et al. **Neoplasmas oculares e de anexos em cães e gatos no Rio Grande do Sul: 265 casos (2009-2014)**. Pesq. Vet. Bras, v. 35, p. 49-54, 2015. Disponível em:
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129068/000966711.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17/11/2018.

JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. Editora Roca, 2015.

LAUS JL, **Oftalmologia clínica e cirúrgica em cães e em gatos**. Editora Roca; 2009.

LOBO, L.L.; PEREIRA, R. **Cardiomiopatia dilatada canina**. Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias, v. 97, p. 153-159, 2002. Disponível em: http://www.fmv.ulisboa.pt/spcv/PDF/pdf12_2002/544_153_157.pdf. Acesso em: 12/11/2018.

MARQUES, M.E.J. **Neoplasias intraoculares em cães e gatos: Revisão da literatura**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Trabalho de Conclusão de Curso), Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178268/001065677.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 15/11/2018.

MARTINS, P.S.A. **Índice cardíaco vertebral em cães Dobermann: Estudo através de um protocolo de rastreio de cardiomiopatia dilatada na raça**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Dissertação de Mestrado), Lisboa, 2017. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/8158/Tese%20definitiva.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15/11/2018.

MELLO, L.P.P.; MANHOSO, F.F.R. **Aspectos epidemiológicos da leptospirose canina no Brasil**. UNIMAR Ciências, Marília/SP, vol XVI, 2007. Disponível em: http://www.secam.unimar.br/publicacoes/2009/unimar_ciencias_16.pdf#page=27. Acesso em: 23/10/2018.

MURTA, D.J.M.C.D. **Cardiomiopatia dilatada canina, a propósito de 13 casos clínicos**. Universidade Técnica de Lisboa (Dissertação de Mestrado), Lisboa, 2009. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1572/1/CARDIOMIOPATIA%20DILATADA%20CANINA.pdf>>. Acesso em: 18/11/2018.

MUZZI, R. A. L. et al. **Cardiomiopatia dilatada em cão – Relato de caso**. Ciência Rural, v. 30, n. 2, Santa Maria, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?frbrVersion=2&script=sci_arttext&pid=S0103-84782000000200027&lng=en&tlng=en>. Acesso em: 18/11/2018.

NELSON, R. W.; COUTO, C.G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. Editora Elsevier, 2015.

RODASKI, S. N. **Quimioterapia antineoplásica em cães e gatos**. Curitiba: Editora: Bio, 2006.

SIMONETI, C.S., LATARO, R.M.; DURAND, M.T. **Principais modelos de insuficiência cardíaca em roedores**. Saúde, v. 6, n. 2, p. 55-65, Batatais, 2017.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/324170414_Principais_modelos_de_insuficiencia_cardiaca_em_roedores>. Acesso em: 15/11/2018.

TOGNI, M. et al. **Causas de morte e razões para eutanásia em gatos na Região Central do Rio Grande do Sul (1964-2013)**. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 38, n.4, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-736X2018000400741&script=sci_arttext#c1. Acesso em: 19/11/2018.

TORRES, B.B.J. et al. **Atualização em epilepsia canina – Parti I: classificação, etiologia e diagnóstico**. Revista Científica de Medicina Veterinária – Pequenos Animais de Estimação, v. 9, p. 682-690, 2011. Disponível em: <<http://medvep.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Artigo-Mv031-17.pdf>>. Acesso em: 08/11/2018.

THRALL, M.A. et al. **Hematologia e bioquímica clínica veterinária**. São Paulo: Editora Roca; 2015. p. 34-43.

WEBER, H.A. **Estudo retrospectivo da ocorrência de linfoma nos felinos domésticos atendidos no Hospital Veterinário da UnB entre os anos de 2015-2016**. Universidade de Brasília (Trabalho de Conclusão de Curso), Brasília, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16396/1/2016_HiuaneAraujoWeber_tcc.pdf>. Acesso em: 16/11/2018.

APÊNDICE A – Laudo de necropsia do relato de caso Cardiomiopatia Dilatada, cedido pelo SediVet – LPV – UFSM.



Universidade Federal de Santa Maria
Departamento de Patologia
Serviço de Consultoria Diagnóstica Veterinária
97105-900 Santa Maria, RS, Brasil
Telefone: (55) 999690465
E-mail: sedivetconsultoria@gmail.com



LAUDO DE NECROPSIA
(SDV-386-18)

Protocolo: não informado

Data de entrada: 17/08/2018

I identificação do paciente

Espécie: canino
Sexo: macho
Raça: Fila Brasileiro
Idade: não informado
Peso: não informado
Procedência: não informado

I identificação do(s) requisitante(s)

Médico Veterinário: Cássia Souto
Telefone: não informado
E-mail: não informado
Proprietário: não informado
Procedência: não informado
Telefone: não informado

Óbito:

Morte espontânea []

Eutanásia [] não informado

Método de eutanásia: não se aplica

Conservação:

Câmara fria laboratório [] Câmara fria externa [] Temperatura ambiente []

Estado de conservação:

Bom [] Autólise [] Putrefação []

Histórico clínico: paciente cardiopata.

Suspeita clínica: cardiomiopatia dilatada

Diagnósticos do patologista:

Coração (átrios e ventrículos), dilatação crônica difusa acentuada, canino, Fila Brasileiro, macho, idoso.

Cavidade abdominal, hidroperitônio (ascite) agudo difuso acentuado (transudato modificado), canino, Fila Brasileiro, macho, idoso.

Cavidade torácica, hidrotórax agudo difuso acentuado (transudato modificado), canino, Fila Brasileiro, macho, idoso.

Pulmão, atelectasia difusa moderada, canino, Fila Brasileiro, macho, idoso.

Fígado, fibrose centrolobular crônica difusa acentuada, canino, Fila Brasileiro, macho, idoso.

Comentários: os achados anatomopatológicos (macroscópicos e histopatológicos) reforçam

APÊNDICE A – Laudo de necropsia do relato de caso Cardiomiopatia Dilatada, cedido pelo SediVet – LPV – UFSM.

o diagnóstico clínico de cardiomiopatia dilatada. O acúmulo de líquido observado nas cavidades torácica e abdominal decursa de descompensação cardíaca. A lesão hepática ocorre como uma consequência crônica da cardiomiopatia dilatada. E a atelectasia pulmonar é secundária ao acúmulo de líquido intratorácico (hidrotórax).

Patologista/CRMV: Rafael Figuera/6658

Pós-Graduando: Renata Mazaro

Data de saída do laudo: 19/11/2018

Descrição da necropsia (SDV-386-18)

Macroscopia

Cadáver de um canino, Fila Brasileiro, macho, idoso, de pelagem preta e amarela (tigrada), em bom estado nutricional e em boa condição corporal. Possui 60 cm da nuca ao sacro, tricotomia no membro torácico direito de 7 x 4 cm e ampla na região abdominal. Ao abrir a cavidade abdominal, nota-se grande quantidade de um líquido avermelhado (hidroperitônio [7,5 litros]). O fígado está difusa e moderadamente aumentado de volume (hepatomegalia difusa), com superfície natural mosqueada de rosa e vermelho-enebecido. Na superfície de corte há acentuação do padrão lobular. Quando da abertura da cavidade torácica é possível observar grande quantidade de um líquido avermelhado (hidrotórax [4,6 litros]). Os pulmões estão difusa e moderadamente colapsados (atelectasia). O coração está marcadamente aumentado de volume e flácido. Após sua abertura é possível visualizar acentuada distensão de todas as câmaras cardíacas (cardiomiopatia dilatada).

Histopatologia

No fígado, há grande quantidade de tecido conjuntivo fibroso circundando as veias centrolobulares (fibrose centrolobular). Nos pulmões, as paredes alveolares estão difusamente colapsadas, não sendo possível a visualização dos espaços alveolares (atelectasia).

APÊNDICE B – Laudo ultrassonográfico do relato de caso de Linfoma Ocular em felino.

Responsável: Robison Oliveira Alves

Paciente: Lindo

Espécie: felino

Raça: SRD

Sexo: macho

Data de nasc.: 08/2009



LAUDO ULTRASSONOGRÁFICO

Fígado: dimensões e ecogenicidade discretamente aumentadas, contornos regulares, parênquima homogêneo e textura discretamente grosseira – hepatopatia? Arquitetura vascular com calibre e trajeto preservado. Vesícula biliar: contorno regular, parede fina e conteúdo anecogênico homogêneo. Vias biliares de calibre e trajeto preservados.

Baço: contorno irregular, ecogenicidade mista e parênquima heterogêneo, devido à presença de grande formação irregular, hipoeecogênica e parenquimatosa, moderadamente vascularizada e que mede aproximadamente 104,0 mm x 52,1 mm. Sugere ser neoformação esplênica.

Estômago sem conteúdo, arquitetura parietal mantida, parede normoespessa na porção visibilizada, aproximadamente 1,7 mm. Alças intestinais com conteúdo gasoso em pequena quantidade, sem evidências de alteração.

Rins simétricos (aproximadamente RE: 38,8 mm e RD: 39,2 mm). Situados em topografia habitual, com contornos regulares, ecogenicidade moderadamente aumentada e arquitetura mantida, textura grosseira. Definição córtico-medular preservada e cortical moderadamente espessada. Não há sinais de litíase nem hidronefrose. Sugere nefropatia.

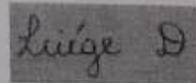
Não foi visibilizada alteração em topografia de pâncreas e adrenais.

Não foi visibilizado líquido livre abdominal.

Linfonodos mesentéricos: ecogenicidade e arquitetura mantida, dimensões preservadas (aproximadamente 24,0 mm x 7,5 mm e 16,4 mm x 5,7 mm).

Linfonodo esplênico: ecogenicidade diminuída, arquitetura mantida e dimensões discretamente aumentadas (aproximadamente 7,8 mm x 7,6 mm) – reativo (alteração inflamatória/infecciosa/infiltrativa). Demais linfonodos não foram visibilizados.

Vesícula urinária: pequena repleção, conteúdo anecogênico heterogêneo, devido à moderada quantidade de partículas ecogênicas em suspensão – celularidade/cristais. Parede regular e normoespessa na porção visibilizada, aproximadamente 1,1 mm.



M.V. Liége Dembinski
CRMV/RS 09067

Santa Maria, 22 de setembro de 2018.

APÊNDICE C – Laudo citopatológico do relato de caso de Linfoma Ocular em felino.

**Universidade Federal de Santa Maria**
Hospital Veterinário Universitário
Laboratório de Análises Clínicas Veterinárias



RG: 101709 N° do exame: Data: 15/10/18
Proprietário: Nome do animal: Lindo Espécie: Felino Sexo: M
Raça: SRD Idade:

Histórico clínico:
Suspeita clínica:
Tratamento:

CITOLOGIA ASPIRATIVA POR AGULHA FINA

Material coletado CAAF de região anterior do olho.
Amostra de elevada celularidade composta por linfoblastos, linfócitos médios, pequenos e plasmócitos dispostos de maneira isolada. O citoplasma é escasso com discreta a moderada basofilia. O núcleo arredondado, por vezes, angular, ora centralizado ora excêntrico, a cromatina condensada a frouxa e os nucléolos inconspícuos a únicos ou múltiplos, angulares e evidentes. Há cariomegalia, macronúcleolos, anisonucleólise, figuras de mitose (0 – 4/400x). Também foram visualizados melanócitos, neutrófilos e macrófagos.

Resultado

Interpretação Citologia sugestiva de linfoma. Indica-se exame histopatológico para confirmar.

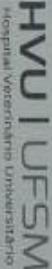
Observação:

Requisitante: Prof. Anne **CRMV-RS:** **Revisor:** Renato Bonamigo
Medicina Veterinária
CRMV-RS 15006 **CRMV-RS:**

ANEXO – Certificado do Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária



Ministerio da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Hospital Veterinário Universitário



CERTIFICADO

Certificamos que a acadêmica **LETICIA PEREIRA PIECZARKA** aluna do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, realizou estágio Curricular neste hospital, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário, no período de 24/07/2018 a 19/10/2018, perfazendo um total de 450 (quatrocentos e cinquenta) horas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 19 de outubro de 2018.

Claudete Schmidt
Claudete Schmidt
Orientadora

Daniel Curvello de Mendonça Müller
Daniel Curvello de Mendonça Müller
Diretor do HVU